

Setor têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul: impactos da inovação e da flexibilização do trabalho*

Valmiria Carolina Piccinini**

Professora Adjunta do PPGA-UFRGS

Sidinei Rocha de Oliveira***

Mestrando do PPGA-UFRGS

Daniele dos Santos Fontoura****

Acadêmica do Curso de Administração
da UFRGS

Resumo

A abertura econômica brasileira de 1990 representou uma ruptura para as organizações do setor têxtil-vestuário, que, até então, desfrutavam de significativo protecionismo do Estado. As empresas foram forçadas a se reestruturarem e a desenvolverem estratégias para sobreviverem no mercado. Sendo assim, este estudo objetiva analisar os reflexos da adoção de inovações tecnológicas e de estratégias de flexibilização da força de trabalho por parte dessas organizações. Para isso, foi realizado um levantamento com 43 empresas gaúchas registradas no Cadastro Industrial da FIERGS. Dentre os resultados, destacam-se a difusão das novas tecnologias no setor, principalmente no segmento têxtil, e o uso, ainda que incipiente, de inovações socioorganizacionais. Quanto às estratégias de flexibilização do trabalho, as mais utilizadas são horas extras, terceirização, subcontratação, banco de horas e trabalho por turno.

Palavras-chave

Setor têxtil-vestuário; flexibilização do trabalho; inovação.

* Artigo recebido em ago. 2004 e aceito para publicação em jul. 2006.

** E-mail: vpiccinini@ea.ufrgs.br

*** E-mail: sroliveira@ea.ufrgs.br

**** E-mail: daniele_fontoura@yahoo.com.br

Abstract

The economic opening in 1990 meant rupture for the organizations of the clothing-textile sector, which had profited until then from a great deal of state protectionism. The companies were forced to re-structure themselves and develop strategies to survive in the market. This study aims at analyzing the impacts of the adoption of technological innovations and workforce flexibilization strategies on these organizations. In order to achieve this goal, a survey involving 43 Rio Grande do Sul companies from the Industrial Records at FIERGS was carried out. The study's main results include: the diffusion of new technologies in the sector, mainly in the textile segment, and the use, yet incipient, of socio-organizational innovations. As for the work flexibilization strategies, the most utilized are overtime, outsourcing, sub-contracting, hour-bank and work in shifts.

Key words

Work flexibilization; innovation; clothing-textile sector.

Classificação JEL: R11.

Introdução

A partir da década de 70, as pressões impostas pela nova ordem econômica mundial forçaram as empresas a se reestruturarem, atualizando suas políticas na busca de um maior nível de competitividade. A instabilidade do mercado, o aumento de concorrência e o maior grau de exigência dos clientes colocaram em questão a organização do trabalho taylorista-fordista, que, de forma crescente, vem dando lugar à automatização flexível.

Muitas empresas, ao optarem pela estratégia da flexibilidade, adquirem novas tecnologias, que permitem ampliar as quantidades produzidas e melhorar a qualidade dos produtos. Segundo Gorini (2000), na indústria têxtil internacional, as transformações no processo produtivo, introduzidas a partir das inovações em máquinas e produtos, levaram ao desenvolvimento de um parque tecnológico para que o setor pudesse se manter no mercado. A automação de praticamente todas as fases do processo produtivo resultou em significativos acréscimos de produtividade, porém contribuiu para diminuição acentuada da

relação trabalhador/produto, reduzindo custos com mão-de-obra e ampliando a flexibilidade do processo. Na indústria do vestuário, as inovações tecnológicas mostram-se mais avançadas nas etapas anteriores à montagem, que envolvem criação, modelagem e corte. A redução do tempo, da mão-de-obra e do desperdício de tecido e o aumento da flexibilidade são as principais vantagens decorrentes da incorporação desses equipamentos. Contudo manteve-se a redução de mão-de-obra no ramo, que migrou para as etapas posteriores do processo, como a montagem das peças (Gorini, 2000). Mesmo que tenha havido uma redução do número de postos de trabalho nas etapas de modelagem e de corte pela incorporação de novas tecnologias, estas possibilitaram a ampliação do volume de produção, aumentando os postos na área de montagem de peças. Deve ser destacado que, embora não tenha ocorrido redução quantitativa, houve uma redução na qualidade dos empregos ofertados, visto que as etapas de modelagem e de corte exigem maior qualificação que as etapas posteriores.

O setor têxtil é tradicional na economia mundial. No Brasil, foi o precursor da industrialização. Atualmente, a indústria têxtil nacional ocupa o sétimo lugar na produção mundial de fios e tecidos e o terceiro no que se refere aos produtos de malha. No entanto, no comércio internacional, o Brasil situa-se em vigésimo lugar. Em 2000, a participação do complexo têxtil no PIB industrial foi de 13,5% e representou cerca de 13,4% dos empregos na indústria (IEMI, 2001).

No Rio Grande do Sul, como ocorre no restante do Brasil, a necessidade de agilizar e flexibilizar etapas dos diversos processos envolvidos na produção tem levado a consecutivas mudanças no processo produtivo. Neste estudo, pretende-se traçar um panorama do setor têxtil-vestuário do Estado, verificando quais as estratégias de flexibilização e de inovação que estão sendo empreendidas pelas organizações na busca de sobrevivência e competitividade e como essas estratégias têm repercutido nas relações e nas condições de trabalho.

1 Reestruturação produtiva e flexibilização do trabalho

Na década de 70 do século XX, o padrão fabril da indústria de transformação dos países desenvolvidos passou por um processo de ajuste às novas demandas do mercado. A redução do ritmo de crescimento da produtividade e da lucratividade das atividades industriais, a ruptura das regras institucionais vigentes durante o pós-guerra e a mudança no padrão de demanda de produtos e serviços desencadearam um processo mundial de reestruturação das organizações.

No Brasil, a abertura comercial teve início, ainda que incipiente, na década de 80, em resposta à necessidade de ajustamento aos padrões internacionais de produtividade e de qualidade, elemento básico de competitividade no novo cenário. Mas foi a partir do início da década de 90, com a abertura às importações promovida pelo Governo Collor, que a readequação aos padrões internacionais se tornou fundamental, implicando a difusão de práticas de flexibilização e de inovações tecnológicas e organizacionais. Essa abertura econômica repercutiu sobre todos os setores da economia brasileira, porém de forma diferenciada, dependendo do grau de modernização existente. Em muitos setores, as alíquotas de importação foram reduzidas e até mesmo retiradas, o que impôs uma nova realidade competitiva ao País, para a qual muitas organizações não estavam preparadas. Em razão disso, o maior desafio para as empresas passou a ser a adaptação por meio da flexibilização produtiva.

Segundo Sansur *et alii* (2002), a busca de estruturas mais enxutas e flexíveis e de otimização de fluxos internos e externos surge como resultado direto da procura pela racionalização de custos das empresas. Visando a essa flexibilidade, as empresas passaram a investir mais fortemente em inovações tecnológicas e organizacionais, acompanhando os modelos internacionais e incentivadas pelas baixas alíquotas de importação de máquinas e equipamentos. Essa nova organização do trabalho revelou-se, posteriormente, extremamente poupadora de mão-de-obra, implicando uma necessidade cada vez menor de trabalhadores.

Souto e Sá (2002) destacam que a tecnologia e as modernas técnicas de administração têm levado ao crescimento do desemprego em nível nacional. A implantação de novas tecnologias aumentou o tempo de duração do desemprego, em virtude dos novos requisitos de seleção para contratações, com maiores exigências de escolaridade e de adaptação ao trabalho, o que Singer (1999) denomina desemprego tecnológico.

Correa, Pimenta e Dias (2002) salientam que, diante dessas mudanças, se percebe uma alteração da significação do trabalho industrial, em que a atividade humana no processo de transformação consiste, cada vez mais, na vigilância de equipamentos automatizados microeletronicamente, reduzindo-se a atividade criadora do trabalhador.

Na tentativa de alcançar maiores níveis de competitividade, fortalecem-se as formas de flexibilização da força de trabalho constatadas nos diversos estudos realizados nas indústrias que se destacam pelo nível de evolução tecnológica. Os resultados apontam uma heterogeneidade de práticas de produção, que se iniciam pela incorporação de um novo padrão tecnológico e se refletem sobre a parte institucional e laboral da organização.

Numa concepção ampla, Boyer (1987) destaca que “[...] a flexibilidade é geralmente definida como a aptidão de um sistema ou subsistema de reagir às diversas perturbações”. Numa linha semelhante, outros autores tratam a flexibilidade como o ponto de convergência de evoluções particulares e distintas, que atingem, com maior ou menor força, elementos do sistema de produção.

Tendo em vista que a flexibilidade está sendo aplicada a todos os componentes da relação laboral, inúmeros autores questionam as estratégias desenvolvidas pelas empresas para organizem o trabalho e gerirem a mão-de-obra, visando a uma melhor adaptação às flutuações do mercado.

Alguns autores buscam distinguir as diferentes dimensões da flexibilidade, classificando-a em categorias que permitem identificar as formas múltiplas que têm sido utilizadas nas organizações (Salerno, 1994; Cerdeira, 2001). Segundo Courault (1983 apud Piccinini, 1998), podem-se identificar três grandes tipos de flexibilidade:

- flexibilidade técnica - capacidade de regulação da produção na dependência de fatores técnicos que orientam a organização;
- flexibilidade social - grau de flexibilidade na gestão dos homens, compatível com as exigências da organização técnica e econômica da produção;
- flexibilidade econômica - grau de adaptação ou flexibilidade de evolução e de reação ao sistema produtivo da empresa face aos desafios da concorrência e às bruscas oscilações da demanda. Implica a rápida adaptação do programa de produção da empresa e a modulação da produção.

Tais formas de flexibilidade estão articuladas entre si. Se a flexibilidade interna permite a mobilidade profissional e a mobilidade funcional no interior da empresa ou do grupo, a flexibilidade externa permite o ajustamento imediato em função das necessidades da empresa, em momentos de alta, por meio da criação de emprego e, em momentos de baixa, através das demissões (Cerdeira, 2001). O trabalho em *part-time*, o trabalho a domicílio, o trabalho independente, o teletrabalho, o trabalho temporário, o uso de consultorias, a subcontratação subjazem às tantas modalidades de trabalho que se distanciam, nos seus contornos e conteúdos, das formas de emprego convencional, constituindo constantemente uma alternativa ao emprego tradicional (Cerdeira, 2001).

Essas formas atípicas de trabalho têm repercussões diretas sobre os que trabalham. A instabilidade torna-se a realidade do emprego, e o trabalhador precisa conviver sob um cenário de insegurança e de equilíbrio fugaz.

Sendo assim, pretende-se verificar como ocorreu e como está atualmente a reestruturação produtiva no setor, enfatizando a busca pela flexibilidade e pela inovação.

2 O setor têxtil-vestuário na economia brasileira

A cadeia produtiva têxtil¹ é formada, basicamente, por três categorias: fibras e filamentos, que podem ser naturais ou químicos; manufaturados têxteis, que são a fiação, a tecelagem, a malharia e o beneficiamento; e confeccionados têxteis, formados pela linha de vestuário e acessórios e a linha lar e técnicos. Constitui-se numa cadeia de produção relativamente linear, onde o produto de uma etapa é insumo da próxima (Campos; Scherer, 1996).

O setor é um dos mais tradicionais no segmento industrial mundial. No Brasil, a fabricação de têxteis precede a chegada dos portugueses, existindo fortes indícios de confecção de vestuário pelos povos indígenas. Foi o segmento que deu início ao processo de industrialização do País, desempenhando importante papel na economia nas décadas de 60 e 70 (IEMI, 2001).

A partir da década de 80, os principais países produtores de têxteis iniciaram um amplo processo de reestruturação tecnológica, visando ganhar competitividade dentro do mercado mais globalizado e concorrido. Como no Brasil a indústria têxtil era detentora de um mercado interno cativo e em expansão, protegido da concorrência externa, não houve estímulo para que acompanhasse os padrões tecnológicos internacionais.

As consequências dessa acomodação foram sentidas na década seguinte, quando da abertura da economia ao mercado internacional. Estavam legalmente amparadas as importações tanto de bens acabados quanto de máquinas e equipamentos. Essa época foi um período difícil para as organizações de diversos segmentos, sobretudo para setores com grande defasagem tecnológica, como o têxtil. Em contrapartida, ocorreu um grande esforço de modernização das empresas têxteis na tentativa de sobreviverem no mercado.

Os impactos da abertura econômica foram diferenciados segundo o porte e o estágio de atualização tecnológica das empresas. De acordo com Gorini e Siqueira (1997), houve, nesse período, uma queda vertiginosa no número de empresas têxteis. Nos segmentos fiação e tecelagem, a queda acumulada foi de 50% a 40% entre 1989 e 1995, respectivamente. Porém não refletiu na mesma proporção no volume de produção, tendo a de tecidos declinado 7%, e a de fios, 17% nesse período. Na produção de confeccionados, cresceu a uma taxa acumulada de 50% entre 1989 e 1995, com incremento acumulado de 10% no número de empresas formais, porém houve uma completa modificação no

¹ Para efeitos de estudo, neste artigo, estão sendo considerados apenas os segmentos têxtil e vestuário, não sendo contempladas as organizações produtoras de fibras e filamentos.

tamanho médio das firmas, surgindo muitas com pequeno número de empregados. É provável que tal fato se deva aos baixos investimentos em capital necessários para se operar no segmento de confeccionados, enquanto, nos demais ramos têxteis, essas despesas com investimentos são mais significativas.

O porte médio das organizações do setor têxtil diminui exponencialmente na medida em que se encaminha para a ponta da cadeia. No Brasil, numa ponta, estão as empresas produtoras de fibras e filamentos químicos (excluídas do levantamento no Estado), que se apresentam em número restrito, porém com grande número de funcionários (média de 600 por empresa), e são, em boa parte, sociedades anônimas e de origem internacional. No lado oposto, estão as empresas de confeccionados, tendo por média 66 funcionários por empresa e sendo preponderantemente de capital nacional.

As mudanças no quadro econômico e a concorrência dos importados levaram a uma forte concentração industrial nos segmentos de fios e tecidos, com grande redução no número de unidades produtoras e de empregos e aumento da pulverização de indústrias (informais) no segmento confeccionista, mantendo o nível de empregos. As indústrias de fios e tecidos, para se tornarem competitivas, estão cada vez mais dependentes de investimentos em equipamentos e tecnologia, enquanto as confecções dependem basicamente da disponibilidade de matérias-primas e de mão-de-obra abundante, treinada e de baixo custo.

A situação de desemprego é mais visível no segmento têxtil, onde os investimentos na modernização do processo produtivo e em produtos, como novas fibras químicas, levaram à automação de praticamente todo o processo produtivo e resultaram em grande acréscimo de produtividade. O trabalhador deixa de fazer o fio ou o tecido, deixa de tingir, alvejar ou estampar. Esses serviços passam a ser realizados por um conjunto de equipamentos sofisticados, extremamente velozes, robotizados ou em processo contínuo, operados por sistemas pré-programados e informatizados.

A fraqueza estrutural do setor requereu das empresas uma reflexão sobre as estratégias a serem adotadas para sobreviverem e se tornarem competitivas no mercado. Uma estratégia de redução de custos largamente adotada pelas organizações foi (e têm sido) a flexibilização do trabalho. A modernização do parque fabril, a partir de 1990, acarretou altos índices de demissões e estimulou o uso de formas de flexibilização da força de trabalho, como a terceirização, a subcontratação, o contrato de trabalho por prazo determinado, etc.

Dados de 1996 apontam que o nível de emprego no setor flutuou entre 1985 e 1995, acompanhando o contingente geral de pessoas ocupadas. Novamente, foi na indústria têxtil que houve uma redução mais acentuada, uma vez que, além da diminuição do nível de atividade e do aumento da produtividade do

trabalho, foram terceirizadas algumas atividades não ligadas diretamente à produção (Campos; Scherer, 1996).

Nas pequenas e médias empresas, sobretudo do setor de vestuário, as empresas intensificam o uso de formas de subcontratação, inclusive com imensa utilização do trabalho a domicílio, levando à evasão de impostos e de encargos sociais e à precarização das condições de trabalho.

Na década de 90, a busca pela redução de custos impulsionou, também, um considerável aumento de participação da Região Nordeste, especialmente na produção de fios e tecidos, com grandes investimentos na produção, em alta escala, de *commodities* de algodão, em plantas com operação verticalizada, desde a abertura do algodão, passando pela fiação até o acabamento, produzindo tecidos planos (Scherer; Campos, 1996). Além do fato de que o salário médio verificado nessas regiões receptoras de investimento é relativamente mais baixo, as empresas têm-se utilizado de outros artifícios para reforçar a redução dos custos da mão-de-obra, principalmente pela subcontratação de pessoal para algumas etapas do processo produtivo, o que leva à precarização das relações de trabalho nesses postos.

3 Os passos da pesquisa

O trabalho desenvolvido caracteriza-se como exploratório-descritivo, privilegiando tanto os métodos qualitativos quanto os quantitativos de levantamento e tratamento das informações (Triviños, 1987).

Na primeira etapa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com pesquisadores e especialistas no assunto e com sindicatos patronais e de trabalhadores, dentre outros. Na etapa seguinte, foi feito contato com as empresas. Inicialmente, houve dificuldade para obtenção de informações relativas ao número, à localização e aos principais produtos fabricados pelas organizações, devido à falta de atualização dos cadastros dos sindicatos patronais. Em função disso, foi utilizado como base de dados o Cadastro Industrial da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) de 2001, onde estão catalogadas 181 empresas com mais de 20 funcionários e pertencentes às indústrias têxtil e do vestuário do Estado.

Buscou-se, então, contato telefônico com as empresas para atualização das informações, verificando a possibilidade e a disponibilidade destas em colaborar com a realização da pesquisa. Dessa forma, o universo de 181 empresas reduziu-se para 122, pois 25 tinham diminuído o número de funcionários para menos de 20; 19 estavam com telefone cortado ou número inexistente; e 15 estavam para fechar ou não passaram as informações necessárias para a primeira etapa da pesquisa.

Em dezembro de 2002, começaram a ser enviados questionários para as 122 empresas, dos quais foram obtidas 43 respostas (35,2% do total). Os questionários foram enviados via correio, FAX ou *e-mail*, de acordo com a preferência da empresa e dos meios de que dispunha. Em maio de 2003, deu-se por encerrado o levantamento e procedeu-se à análise dos dados obtidos.

Partindo dos dois principais segmentos do complexo têxtil-vestuário: indústria têxtil e indústria do vestuário, as 43 empresas foram classificadas em quatro grupos: têxtil, vestuário, têxtil-vestuário e malharias². Essa divisão da cadeia têxtil possibilitou a análise de como a inovação e as estratégias de flexibilidade se refletem em cada grupo de organizações. Do mesmo modo, dentro de cada segmento, as organizações foram agrupadas em pequenas, médias e grandes,³ buscando-se contemplar as possíveis diferenças existentes em função do porte das empresas.

4 Resultados do estudo no setor

4.1 Caracterização das organizações respondentes

Entre as 43 empresas respondentes, predominaram as do setor de vestuário, com 22 empresas (51,2%), seguido pelo setor têxtil, com 11 (25,6%), e as malharias, com oito (18,6%); apenas duas (4,7%) atuam tanto no setor têxtil quanto no de vestuário.

Das 43 organizações, 10 foram fundadas antes de 1970; nove, na década de 70; 14, na década de 80; quatro, entre 1991 e 1995; e apenas uma, depois de 1995. Como se viu, a maior parte foi fundada na década de 80, quando a economia do País começava a entrar em recessão, porém ainda sob o efeito

² Têxtil, composto pelas empresas que atuam na fiação e na tecelagem; vestuário, formado por empresas que têm como atividades principais o corte e a montagem; têxtil-vestuário, empresas que atuam em todos os processos da cadeia, da fiação à montagem da peça; e malharias, empresas que apresentam características que não as classificam nem essencialmente como têxtil (fiação, tecelagem), nem como essencialmente de vestuário (criação, montagem e acabamento).

³ Para determinação do tamanho das empresas, podem ser utilizados critérios como: faturamento, número de funcionários ou a combinação de ambos. Neste estudo, foi utilizado o critério de número de funcionários, sendo consideradas pequenas as empresas que possuíam entre 20 e 100 funcionários, médias as que tinham entre 101 e 500, e grandes as que possuíam mais de 500 funcionários. As de menos de 20 empregados não foram abrangidas pelo estudo, por se considerar que não dispunham das informações solicitadas no questionário.

multiplicador proporcionado pelo II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND)⁴ de 1974. Salienta-se que foi na década de 90 que surgiu o menor número de empresas (5). Esse fato reflete, provavelmente, a problemática, já discutida anteriormente, da abrupta abertura econômica do País nesse período.

A maior parte das empresas com mais de 100 funcionários foi fundada até a década de 70. A partir de 1980, o crescimento do setor deu-se, principalmente, pelo surgimento de pequenas unidades, com menos de 100 funcionários, sendo ainda mais representativo o número de organizações com 20 a 50 funcionários. Essa tendência manteve-se nos anos seguintes.

A maioria dessas empresas está situada na região da Serra (17 delas) e na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) (13). Avaliando por segmento, verifica-se que as indústrias têxteis se localizam, em sua maioria, na RMPA, enquanto as malharias se concentram, predominantemente, na Serra (Caxias do Sul e Bento Gonçalves), que constitui um pólo regional de produção de roupas de malha próprias para temperaturas mais baixas, características da região. O setor de vestuário, por sua vez, distribui-se por todo o Estado, sendo que a maior parte das empresas da amostra se localiza na Serra, no Norte/Nordeste e na RMPA. Comparando-as, nota-se que há significativa diversificação de mercados, com produção de itens diferenciados entre si. A maioria está focada em um único segmento, produzindo apenas dois ou três produtos, direcionando seus recursos e reduzindo custos, a fim de se tornarem mais competitivas. A exceção foi uma organização pertencente ao setor têxtil-vestuário, que apresenta uma grande variedade de produtos.

Por abrangerem vários segmentos de produtos, as organizações do complexo têxtil gaúcho desenvolvem processos produtivos e estratégias de atuação distintas. Esse fato, em princípio, torna-as mais competitivas, ao se direcionarem para um segmento específico, contudo dificulta a integração interfirmas e a formação de pólos industriais (Castillos, 1998). São compostas, essencialmente, por capital nacional, tendo somente uma de capital estrangeiro e uma de capital misto, produzindo para o mercado interno; apenas 11 exportam. Segundo Campos e Scherer (1996), a predominância de capital nacional e a pouca representatividade das exportações são atribuídas ao amplo mercado interno e à pouca competitividade da cadeia produtiva têxtil brasileira e gaúcha, que desestimula investimentos internacionais. Para agravar ainda mais esse quadro, na década de 90, devido aos elevados retornos proporcionados pelos ativos

⁴ O II PND consistiu numa decisão de manter o crescimento econômico, com base em transformações estruturais do parque industrial brasileiro. Embora tenha sido uma estratégia adotada em 1974, por uma série de fatores, os investimentos foram concluídos na década de 80, gerando resultados positivos em termos de estímulos na cadeia produtiva.

financeiros em função da alta taxa de juros, os recursos externos migraram para investimentos no setor financeiro, em detrimento do setor produtivo em geral.

Quanto à distribuição da amostra por número de empregados e setor, observa-se a predominância das empresas de menor porte, sobretudo no setor vestuário, onde 13 (59%) delas têm menos de 50 funcionários, o que confirma a tendência de redução do tamanho das empresas do setor que já era observada no estudo de Campos e Scherer (1996).

No têxtil, a automação de processos produtivos reduziu significativamente o número de funcionários, tornando as empresas mais enxutas (Gorini, 2000). Contudo, pela amostra, observa-se que ainda existem empresas com um número expressivo de trabalhadores, pois quatro delas afirmaram ter entre 101 e 500 funcionários.

A maior parte das empresas (26) diz possuir um setor próprio de pesquisa e desenvolvimento de produtos. Porém, ao se observarem os segmentos individualmente, nota-se que isso não ocorre no setor vestuário, onde 55% das organizações não fazem pesquisa, e, se o fazem, são estudos de desenvolvimento de novos produtos, matérias-primas, modelagem, técnicas de produção, etc. No segmento têxtil, foram citadas pesquisas de novos fios e tecidos, através do desenvolvimento de matérias-primas, das pesquisas de tendência de moda, da combinação de características e técnicas. Também é o setor responsável pela atualização do portfólio de produtos (incluindo sua criação), através da pesquisa das tendências da moda e do mercado.

Para atualização quanto às novas técnicas produtivas, as principais fontes são os congressos, as feiras nacionais e as revistas especializadas, meios que representam menores custos para a empresa. Quanto à inovação nos produtos, são ressaltadas as pesquisas próprias. No setor de vestuário, são bastante utilizadas revistas especializadas. Segundo a Pesquisadora Sílvia Campos⁵, a utilização de revistas de moda sempre foi bastante expressiva entre as empresas de vestuário do Estado, que têm sua produção voltada principalmente para as classes C, D e E. A utilização de revistas de moda é vista como uma forma de atualização de baixo custo, além de ser o principal meio de divulgação da moda popular, amplamente influenciada por personagens de televisão e, na maioria das vezes, distante das passarelas internacionais.

Algumas empresas afirmaram realizar estudos junto a fornecedores, sobre novos materiais e tendências, baseados nas solicitações de seus clientes. Isso demonstra uma tentativa de integrar a cadeia têxtil, mas se revelou bastante incipiente, ocorrendo apenas em casos isolados.

⁵ Dados da entrevista.

Das empresas da amostra, 32 informaram realizar controle de qualidade em todas as etapas do processo produtivo, seis realizam somente nos produtos acabados, uma realiza apenas em algumas etapas, e quatro não realizam ou não informaram. Porém constatou-se que, na maioria dos casos, é um controle informal.

A observância de padrões de qualidade constitui-se num dos requisitos cada vez mais importantes para atingir e ampliar mercados, principalmente internacionais, trazendo ganhos de competitividade para toda a cadeia têxtil. Contudo parte das empresas do complexo têxtil gaúcho, sobretudo as de menor porte, não manifesta grande preocupação com a qualidade de seus produtos, o que resulta em perda de mercado e fragilidade frente aos concorrentes.

Apenas duas empresas têm certificação ISO 9000, e nove estão “em fase de implantação”, enquanto 28 das 43 empresas não pretendem implantar ou não conhecem a norma. A falta de interesse pela busca de certificação demonstra mais um dos aspectos de fragilidade da cadeia têxtil-vestuário, uma vez que, sem a certificação, as empresas do setor perdem competitividade no mercado nacional e aumentam suas dificuldades para buscarem novos mercados no exterior.

4.2 Inovações técnicas e socioorganizacionais

A tecnologia predominante no setor é a nacional, exceto nas malharias, onde predomina a importada (em seis das oito empresas respondentes). No segmento têxtil, a tecnologia nacional é, em parte, adquirida, e, em parte, desenvolvida; apenas uma empresa informou que 100% de sua tecnologia é importada, sendo que esta é a única empresa da amostra com predominância de capital estrangeiro.

As tecnologias e os equipamentos mais utilizados pelo setor são o Computer Aided Design (CAD) — projeto assistido por computador —, principalmente no segmento de vestuário, e o Controlador Lógico Programável (CLP), principalmente no setor têxtil. No entanto, muitas empresas, sobretudo no segmento de vestuário, não responderam à questão, apesar de afirmarem buscar inovações de tecnologia para o processo produtivo.

Um número significativo de empresas afirma trabalhar na busca de inovações de produto (37), processo produtivo (37), tecnologia (32) e matéria-prima (30). Em menor número, apareceram as inovações socioorganizacionais, das quais apenas 23 empresas afirmaram utilizar alguma técnica. Entre as que não buscam inovações, notam-se particularidades de cada setor: no caso do vestuário, encontra-se o maior número de empresas que não buscam inovações de

produto (3), matéria-prima (5) e tecnologia (3). Entre as malharias, estão as que menos introduziram inovações socioorganizacionais (4), e, no setor têxtil, duas empresas responderam não procurar inovar quanto ao material que utilizam.

Dentre os resultados da implantação de novas tecnologias, são ressaltados o aumento da produtividade (35), a melhoria na qualidade dos produtos (33) e a maior qualificação de pessoal (23), o que possibilitou às empresas oferecerem preços mais competitivos e ganharem novos mercados. Com a melhoria da qualidade dos produtos e preços de mercado, as empresas da cadeia têxtil-vestuário tornaram-se mais competitivas, podendo concorrer com os produtos estrangeiros, que entraram fortemente na economia a partir da década de 90, apresentando preços inferiores e qualidade superior.

Também é destacada, como resultado da implantação de inovações tecnológicas, a redução da mão-de-obra na produção (em 19), à semelhança do que tem ocorrido em outros setores da economia. A implantação de novas técnicas de produção permite a redução de custos e a maior flexibilidade do processo produtivo, com extrema redução de mão-de-obra.

Cabe destacar que, no estudo de Campos e Scherer (1996), as empresas apresentavam forte resistência à utilização dessas inovações sob o argumento de que estas não se aplicavam aos processos produtivos utilizados ou à produção mutável exigida pela moda. Há, ainda, a dificuldade de implementar novas técnicas, apontando como principal empecilho a falta de polivalência dos trabalhadores.

Chamam atenção, nas empresas da amostra, a mudança na cultura do setor e a implementação de novas técnicas, tornando-as mais competitivas. Em pesquisas anteriores (Castillos, 1998), a implantação de técnicas de gestão era vista como um investimento que não estava adequado à realidade do setor, dadas a necessidade de flexibilidade e a sazonalidade da produção.

As filosofias de gestão adotadas pelas empresas são o 5S (em 15 delas), o trabalho multifuncional (em 15) e a gestão participativa (em 13), sendo os dois últimos mais significativos no segmento do vestuário. Como resultados da implementação dessas inovações, ressaltam-se o aumento da produtividade (em 18), a melhoria na qualidade dos produtos (em 18), o maior comprometimento dos funcionários com as metas da organização (em 17) e a melhoria nas relações de trabalho (em 16). Há, ainda, uma maior participação dos funcionários, que passam a conhecer melhor o processo produtivo e o produto. Com isso, aumentam o sentimento de valorização e a responsabilidade dos trabalhadores, contribuindo para a redução do desperdício de matéria-prima e das perdas na produção.

Para a maior parte das empresas da amostra, tanto as inovações tecnológicas quanto as socioorganizacionais trouxeram reflexos positivos para

a mão-de-obra, pois a implementação de novas técnicas e equipamentos facilita o trabalho do operário, possibilitando maior cuidado com a qualidade do produto. Os funcionários sentem-se valorizados e estimulados a aprenderem novas técnicas de trabalho, aumentando sua participação no processo produtivo.

A necessidade de qualificação também é um dos reflexos diretos sobre os trabalhadores para a melhor utilização das novas tecnologias implantadas. Algumas organizações destacaram que, com o aumento da exigência de qualificação, houve acréscimos na despesa com treinamento, mas este pôde ser compensado pela maior produtividade, que permitiu que a empresa melhorasse seu faturamento, possibilitando, inclusive, ganhos financeiros aos funcionários.

Apenas duas empresas declararam que não tiveram melhorias com a implantação de novas técnicas de gestão: uma atribuiu ao aumento da concorrência, que oferece cada vez menores preços e maior qualidade; e outra, porque os trabalhadores não se adaptaram à tentativa de implantar células de produção, e, conseqüentemente, não conseguiu atingir os resultados esperados.

Segundo uma das empresas, houve resistência por parte dos trabalhadores ao novo sistema. Mas, com o passar do tempo e com a obtenção de melhores resultados, mais eficiência e lucratividade, a resistência foi reduzida, e puderam ampliar seu quadro funcional.

Para três empresas, a implantação de novas tecnologias resultou em terceirização de mão-de-obra, principalmente no que se refere à manutenção dos equipamentos, pois se trata de tecnologia que exige conhecimentos específicos. Foi salientado por duas dessas organizações que a implantação de novas tecnologias levou à redução do número de trabalhadores na produção e ao aumento da terceirização desses.

Também foi destacado que a qualificação possibilitou aos trabalhadores ampliarem suas tarefas, não ficando restritos à produção, tornado-os responsáveis pela qualidade dos produtos e, em alguns casos, pela limpeza e manutenção das máquinas, estimulando a polivalência.

Entretanto um maior grau de exigência de qualificação para a mão-de-obra do setor têxtil-vestuário deixou muitos trabalhadores fora desse mercado. Antes, as atividades do setor eram bastante simples, exigindo um baixo nível de preparo para a execução. Atualmente, com a difusão da microeletrônica, as empresas necessitam habilidades mais complexas de seus trabalhadores, e muitos não estariam qualificados para atuar nesse novo contexto.

4.3 Mão-de-obra do setor

A maior parte das empresas pesquisadas disse realizar treinamento (26); contudo parte desses treinamentos é a cada seis meses. Os tipos de treina-

mentos realizados são variados, sendo que uma parcela significativa é voltada para o aperfeiçoamento: utilização de novas tecnologias (em 21 delas), reciclagem e/ou atualização (em 20) e conhecimento do produto (em 19). Isso aponta a preocupação das empresas com a qualificação técnica dos funcionários. Também é expressiva a utilização de treinamento motivacional (em 23) e comportamental (em 19). Quando questionadas sobre o número de horas de treinamento por funcionário em 2001, 2002 e 2003, verifica-se um alto número de não-respostas (respectivamente, 25, 23 e 29), o que pode apontar ausência de planejamento ou de controle sobre o treinamento.

O uso de formas de flexibilização da força de trabalho revelou-se bastante difundido no setor como meio de redução de custos. Das 43 empresas, 39 afirmaram utilizar alguma forma de flexibilização, sendo as mais comuns: utilização de horas extras (em 30), terceirização (em 23), trabalho por turno (em 16), banco de horas (em 14) e estágios (em 12). Esse resultado vem confirmar e ilustrar o exposto por muitos autores (Souto; Sá, 2002; Singer, 1999), como a tendência do mercado pós-abertura comercial para tornar-se mais ágil e mais competitivo nacional e internacionalmente.

A utilização de horas extras e do banco de horas é devida, em grande medida, à sazonalidade do setor, que obriga as empresas a reorganizarem sua mão-de-obra em determinados períodos do ano. Para o trabalhador, a opção mais lucrativa é o pagamento do tempo que excede a jornada normal de trabalho por horas extras, porém observa-se uma tendência mundial e em todos os setores do uso cada vez mais difundido do banco de horas.

A terceirização e os contratos temporários são formas de flexibilização características da cadeia têxtil, sobretudo no setor do vestuário. Desde o surgimento da indústria nacional, a contratação de costureiras a domicílio para a realização de algumas etapas do processo produtivo, como a montagem e o acabamento, era prática comum, dada a existência de mão-de-obra qualificada. Atualmente, com as mudanças culturais, as tarefas doméstico-artesanais, como corte e costura, deixaram de ser um conhecimento passado através de gerações, e o ingresso da mulher no mercado de trabalho tem-se refletido na redução da mão-de-obra habilitada que realiza essas atividades. O trabalho por facção (a domicílio) continua sendo uma das estratégias para atender à sazonalidade de seus contratos, porém, na região estudada, não está entre as mais utilizadas. Tais formas de trabalho indicam que o movimento de flexibilização no setor têxtil está na busca por uma flexibilidade econômica a partir da flexibilidade social, ou seja, as estratégias empreendidas pelas empresas pesquisadas estão voltadas, principalmente, para o atendimento de exigências decorrentes da sazonalidade da produção via externalização de parte das encomendas (subcontratação). Dessa forma, a estrutura organizacional mantém-se “enxuta”,

uma vez que os gastos com pessoal são administrados de acordo com as necessidades da demanda.

Embora as atividades mais terceirizadas no setor sejam aquelas não ligadas diretamente à produção, como serviços de transporte (em 18), informática (em 16), vigilância/segurança (em 13), manutenção (em 13) e alimentação (em 12), ocorrem também em atividades que fazem parte do processo produtivo, como atividades ligadas à produção (em 12), ao acabamento (em 11) e à montagem (em 10), principalmente no setor de vestuário. Para atender à sazonalidade de seus contratos, é comum a contratação de mão-de-obra para a realização de partes do processo produtivo. Também os segmentos têxtil e de malharias contratam mão-de-obra terceirizada nas atividades ligadas ao processo produtivo.

Quanto ao número de funcionários e de terceirizados das empresas da amostra, pode-se dizer que, na média, está estável, tendo aumentado em algumas e diminuído em outras. As empresas que reduziram seu quadro funcional atribuíram a queda tanto à estratégia de redução do volume de estoques adotada por clientes (varejistas e atacadistas), quanto à redução do mercado, como é o caso de uma indústria que produz roupas de lã e tem se ressentido da ausência de invernos mais rigorosos. Além disso, a instabilidade econômica dos últimos anos atingiu o consumidor, que costuma fazer cortes no orçamento, principalmente no que se refere a vestuário.

As empresas que aumentaram o número de funcionários relacionaram a expansão com o aumento do número de pedidos e do mercado de atuação e com a operação em novos mercados, sendo que algumas tiveram um incremento significativo na produção.

Duas empresas apontaram que, apesar do aumento da demanda e do consequente crescimento da produção, optaram pela contratação de mão-de-obra terceirizada para a área de produção, buscando redução de custos e maior flexibilidade, para trabalhar com as oscilações características do mercado consumidor têxtil-vestuário.

5 Considerações finais

Este levantamento, mesmo que não represente a totalidade do setor, permite fazer importantes inferências sobre a atual situação da cadeia têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul a partir das respostas de 35% das empresas, que representaram seu universo.

A década de 90 representou, para o setor têxtil-vestuário, uma ruptura com padrões estabelecidos, assim como para os demais setores industriais. As empresas da indústria têxtil, antes detentoras de um mercado interno cativo,

foram lançadas num mercado altamente competitivo. Devido ao protecionismo governamental e à restrição às importações, o setor estava defasado tecnologicamente, passando, então, a deparar-se com a necessidade de investimentos elevados em inovações técnicas.

Os primeiros anos dessa década moldaram o perfil do setor, de acordo com o que se conhece hoje. Os segmentos que necessitavam de altos investimentos em capital, para se tornarem competitivos, ficaram cada vez mais restritos nas mãos de poucos. O segmento têxtil, por ser mais intensivo em capital, sofreu uma drástica redução no número de estabelecimentos e deixou, como consequência da modernização, um contingente de trabalhadores desempregados, seja pela diminuição dos postos de trabalho, seja pela necessidade de trabalhadores mais qualificados.

O segmento do vestuário não reagiu da mesma forma. Nesse mesmo período, observou-se um grande número de pequenos empreendimentos, fato que se deve, em grande medida, à tentativa de recolocação e de sobrevivência dos trabalhadores dispensados das empresas têxteis, permitida pela baixa necessidade de capital para as empresas desse segmento.

As inovações técnicas encontram-se relativamente difundidas no setor, porém o nível de inovação ainda não possibilitou às organizações gaúchas vantagens competitivas no mercado internacional, estando, em sua maioria, restritas a atenderem às demandas do mercado interno.

Como consequência direta da implementação das tecnologias inovadoras, tem-se a necessidade de capacitação da mão-de-obra para o desempenho das novas atividades; contudo se observa a falta de um plano de treinamento para os funcionários, haja vista que são poucas as empresas que souberam informar o quanto investem nessa área. Isso demonstra, mais uma vez, a falta de investimentos contínuos, nesse caso, em capacitação da mão-de-obra, que teriam resultados de médio e longo prazos, principalmente na qualidade dos produtos e para melhoria contínua de processos.

A partir da abertura econômica, as empresas brasileiras começaram a ter contato, também, com novas filosofias organizacionais. No setor têxtil-vestuário gaúcho, observou-se que as inovações socioorganizacionais ainda estão sendo timidamente utilizadas, porém houve um avanço em comparação ao último estudo disponível sobre o tema (Campos; Scherer, 1996). Na época, os trabalhadores apresentavam fortes resistências às novidades advindas do mercado globalizado. As empresas gaúchas que têm se utilizado dessas técnicas salientam resultados positivos da implementação, como aumento de produtividade, melhoria da qualidade do produto, melhoria do ambiente de trabalho, dentre outras.

No segmento de fiação, as inovações de produtos concentram-se em novas técnicas e matérias-primas para a produção de fios. No de tecelagem, a inovação está no desenvolvimento de novas texturas e no *design* dos tecidos produzidos. Já no segmento de vestuário, a inovação está nas técnicas de corte e acabamento dos produtos, buscando atender às mudanças de tendência, de estilo e de cores para cada estação.

Para atualização quanto às novas técnicas produtivas, as principais fontes são os congressos, as feiras nacionais e as revistas especializadas, meios que representam menores custos para as empresas. Quanto à inovação nos produtos, são ressaltadas as pesquisas próprias. No setor de vestuário, são bastante utilizadas revistas especializadas.

De modo geral, quando analisada a partir dos esforços das empresas na busca de estratégias competitivas, a cadeia produtiva têxtil-vestuário tem apresentado deficiências, apesar da evolução nos últimos anos. O deslocamento da produção para regiões que oferecem incentivos fiscais, a obsolescência do parque fabril instalado, sobretudo no setor de confecções, e a variedade de segmentos que compõem a cadeia fazem com que as organizações apresentem estratégias distintas, o que contribui para o enfraquecimento da cadeia.

Devido à ampla variedade de produtos, não há integração entre essas empresas, ficando a maior parte delas focada em um único segmento, direcionando seus esforços de produção para um pequeno grupo de produtos. Dessa forma, buscam manter-se competitivas num mercado específico, para reduzirem o número de concorrentes diretos. Por outro lado, isso leva ao desenvolvimento de estratégias organizacionais isoladas, o que dificulta o surgimento de parcerias entre empresas da cadeia produtiva e a adoção de estratégias conjuntas.

Caso houvesse maior integração, seria possível o desenvolvimento de centros regionais de pesquisa, que permitiriam a atualização constante quanto às inovações técnicas e socioorganizacionais. Como na cadeia produtiva têxtil-vestuário o produto de um segmento é a matéria-prima do próximo (fios para tecelagem, tecidos para confecções), a criação de pólos regionais (ou a união das empresas dos já existentes) também facilitaria as negociações com fornecedores, fortalecendo a cadeia como um todo.

Observa-se que a maior parte das empresas ainda está voltada para a sobrevivência imediata frente às oscilações do mercado e à instabilidade econômica, sendo seu planejamento voltado para resultados de curto prazo. Essa situação dificulta a adoção de estratégias, como a incorporação de novas tecnologias, que requer altos investimentos e tem retorno a longo prazo.

A flexibilização do trabalho está presente em todos os segmentos da cadeia e tem como característica histórica a contratação de pessoas para realizar

parte da produção, a fim de atender às encomendas nos períodos de maior demanda (Garcia, 2000). Atualmente, destacam-se, dentre as formas de flexibilização, o uso de horas extras, o banco de horas, a terceirização e os contratos temporários de trabalho, o que confirma o evidenciado por muitos autores acerca do tema da flexibilidade do trabalho.

A flexibilidade de mão-de-obra e da produção é a estratégia mais comumente utilizada pelas empresas da cadeia têxtil-vestuário como forma de se tornarem mais competitivas para concorrerem com a entrada de produtos estrangeiros. A necessidade de ser flexível está associada às oscilações do volume de produção ao longo do ano. Para atender aos contratos dos clientes, as empresas buscam meios para ampliar a jornada de trabalho dos funcionários (horas extras, banco de horas e trabalho por turnos) ou para aumentar a mão-de-obra (contratos temporários e terceirização). Tais medidas permitem um incremento da produção sem elevação dos custos fixos.

A terceirização no setor é utilizada tanto nas atividades meio quanto nas ligadas diretamente à produção. Atividades não ligadas ao negócio da empresa, como vigilância, alimentação, transporte e limpeza são as mais comumente terceirizadas. Nos segmentos têxtil e de malharia, destaca-se a terceirização dos serviços de técnicos e de manutenção, devido ao tipo de máquinas utilizadas, que requerem manutenção constante. No setor do vestuário, é expressiva a terceirização de atividades ligadas diretamente à produção, principalmente nas etapas de montagem e acabamento, o que permite às empresas do segmento flexibilizar a quantidade de trabalhadores na produção e dimensionar a capacidade produtiva de acordo com o volume de pedidos.

A flexibilização técnica, apontada por Courault e Rerat (1983) como uma forma de desenvolvimento dos trabalhadores pela incorporação de novas atividades de trabalho à rotina diária e a rotação de tarefas a partir da introdução de novas tecnologias, ainda é pouco expressiva no setor, sendo apontada por apenas quatro empresas da amostra. Os Presidentes dos Sindicatos Patronal e de Trabalhadores do Vestuário concordam que a falta de incentivos à qualificação dos trabalhadores é consequência do baixo nível de instrução e da baixa capacidade técnica da mão-de-obra do setor. Segundo os entrevistados, as atividades de produção do setor do vestuário ainda são consideradas tarefas simples, de baixo valor agregado, que não exigem qualificação técnica. Os trabalhadores estáveis que recebem treinamento, mesmo que de forma precária, conseguem manter um certo nível de atualização, o que permite, pelo menos, sua manutenção no mercado. Já para os trabalhadores temporários, responsáveis pela produção gerada pela demanda sazonal, a capacitação é praticamente nula, não contribuindo para sua empregabilidade.

Em síntese, o segmento apresenta uma problemática que se assemelha à de outros setores, demonstrando forte tendência à utilização de inovações tecnológicas e sociorganizacionais e à implementação de estratégias de flexibilização do trabalho. Estas têm reflexos diretos sobre a mão-de-obra, no que se refere tanto à qualidade dos postos oferecidos e à exigência de qualificação quanto ao número de empregos oferecidos. A tendência da externalização do processo produtivo via subcontratação indica a busca pelo ajustamento dos custos de mão-de-obra, de acordo com as necessidades da demanda.

A partir deste estudo, espera-se ter trazido elementos que permitam um melhor conhecimento do setor, para que o Governo, empresas e instituições de pesquisa possam buscar caminhos mais promissores para o mesmo.

Referências

BOYER, R. Des flexibilités défensives ou offensives? In: BOYER, R. (Org.). **La flexibilité du travail en Europe**. Paris: La Découverte, 1987.

CADASTRO INDUSTRIAL 2001. Porto Alegre: FIERGS, 2001. (CD-ROM).

CAMPOS, S. H.; SCHERER, A. L. **A competitividade da cadeia produtiva têxtil-vestuário no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FEE, 1996.

CASTILHOS, C. C.; PASSOS, M. C. **Competitividade e inovação na indústria gaúcha**. Porto Alegre: FEE, 1998.

CASTILLOS, J. J. A emergência de novos modelos produtivos: produção ligeira e intensificação do trabalho. In: KOVÁCS, I.; CASTILLO, J. J. **Novos modelos de produção**. Lisboa: Celta, 1998.

CERDEIRA, M. C. **As novas modalidades de emprego**. Lisboa: Elo, 2001.

CORREA, M. L.; PIMENTA, S. M.; DIAS, S. M. (2002). Reestruturação produtiva e relações de trabalho: representações sociais e formação de identidade na (nova) cultura organizacional. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPAD, 34., 2002, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2002. (CD-ROM).

COURAULT, B.; RERAT, F. La flexibilisation des systèmes de production: une hypothèse pour l'analyse des structures d'emploi. **Bulletin d'Inmation**, n. 62, un. 1983, CEE.

GARCIA, R. **Reestruturação produtiva, política industrial e contratações coletivas nos anos 90: as propostas dos trabalhadores**. São Paulo: (s. n.), 2000.

GORINI, A. P. F. Panorama do setor têxtil no Brasil e no Mundo: reestruturação e perspectivas. **BNDES Setorial**: Setor Têxtil, Rio de Janeiro, BNDES, n. 12, p. 17-50, set. 2000. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/bnset/set1202.pdf> Acesso em: 28 maio 2002.

GORINI, A. P. F.; SIQUEIRA, S. H. G. Complexo têxtil brasileiro. **BNDES Setorial**: balança comercial brasileira, Rio de Janeiro, BNDES, ed. esp., p. 133-155, nov. 1997. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/bnset/bsesptex.pdf> Acesso em: maio 2002.

IEMI. **I Relatório do Setor Têxtil Brasileiro**. São Paulo: IEMI, 2001.

PICCININI, V. C. O trabalho flexível na indústria calçadista. In: CASTRO, N.; DEDECCA, C. S. **A ocupação na América Latina**: tempos mais duros. São Paulo: ALAST, 1998.

SALERNO, M. S. Trabalho e organização na empresa industrial integrada e flexível. In: LEITE, M. P. **Novas técnicas de trabalho e educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SANSUR A. M. et al. Repensando as relações de trabalho: novos desafios frente aos múltiplos vínculos de trabalho. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPAD, 34., 2002, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2002. (CD-ROM).

SINGER, P. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 1999.

SCHERER, L. F.; CAMPOS, S. H. (1996) A competitividade da cadeia têxtil: vestuário do Rio Grande do Sul. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, FEE, v. 24, n. 2, p. 183-208, 1996.

SOUTO, A. J. B.; SÁ, M. A. Evolução do trabalho tecnológico: impactos sobre recursos humanos na indústria. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPAD, 34., 2002, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2002. (CD-ROM).

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação — o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.